

BEATRIZ DOS SANTOS FERES

Ato de decodificar, compreender e interpretar um texto. Em sentido estrito, a *leitura* é um processo vinculado exclusivamente ao *texto* verbal escrito, isto é, a uma unidade significativa coesa e coerente, composta por palavras organizadas em frases, de acordo com um gênero discursivo em circulação na sociedade e uma intencionalidade comunicativa: leitura de e-mail, de notícias, de bula de remédio, de crônica, de romance etc. Nesse sentido, Silva (2000, p. 43-44) enfatiza que “o propósito básico de qualquer leitura é a apreensão dos significados mediatizados ou fixados pelo discurso escrito”. Em sentido amplo, *leitura* está relacionada à interpretação de qualquer variedade de texto, verbal escrito ou verbal oral, visual, verbo-visual, audiovisual etc.: poema, palestra, cartum, quadrinhos, filme etc. Corroborando essa perspectiva, Martins (1982, p.31) afirma que a leitura pode ser considerada, para além da decodificação mecânica, “um processo de compreensão abrangente que envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos”. Nesse caso, *texto* é entendido como uma unidade significativa composta por elementos verbais, imagéticos, plásticos, sonoros, musicais, sensoriais, paralinguísticos (entonação, gestos e expressões fisionômicas) separada ou conjuntamente, desde que organizados coerentemente a partir de uma finalidade comunicativa. Mesmo os textos exclusivamente verbais trazem em si códigos outros, evocados pela palavra, que também constituem seu sentido final: a descrição dos “olhos de ressaca” de Capitu, personagem de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, traz à imaginação a aparência desses olhos, e esse modo de ser, de acordo com o contexto, atribui significados à personalidade de Capitu. Para que a leitura se realize, será necessário o leitor não só conhecer o(s) código(s) que conforma(m) o texto, como também compreender o significado atribuído à sua forma e a seu arranjo, além de inferir sentidos implícitos à sua materialidade, relacionando os dados explícitos aos conhecimentos que previamente detém acerca do mundo (real ou fictício), da história, da cultura, da sociedade e de seus valores. O ato de ler é, portanto, um processo *interacional*, no qual o texto precisa ser programado, na extremidade de sua produção, para comunicar ideias e provocar efeitos de sentido, e também precisa ser decifrado, na extremidade da interpretação, a partir de indícios que o leitor percebe na superfície textual e relaciona a seus saberes. “Ato de ler significa, então, um *agir* em direção à *construção do sentido de um texto*” (FERES, 2011, p. 23). Ao tratar especificamente da leitura do texto escrito, Solé (1998, p. 22) acrescenta à construção de sentidos o *objetivo* do leitor nesse empreendimento – e isso implica que o significado atribuído ao texto não é a tradução ou réplica do significado que o autor pretendeu dar, mas “uma construção que envolve o texto, os conhecimentos prévios do leitor que o aborda e seus objetivos”, alcançados de acordo com *estratégias* que ele domina ao longo de sua experiência leitora. Destacam-se, dentre essas estratégias, aquelas vinculadas à criação de hipóteses que podem ou não se confirmar durante o processo, seja em relação ao gênero textual utilizado e ao contrato de comunicação que se estabelece entre os interagentes em determinada troca, seja em relação à figura do enunciador. Charaudeau (2008, p. 31) salienta a importância de observar-se a ação do sujeito que se revela na textualização: “interpretar é criar hipóteses” sobre o saber do sujeito enunciador, sobre seus pontos de vista em relação ao que diz e também sobre seu ponto de vista em relação ao sujeito destinatário, “lembrando que toda interpretação é uma suposição de intenção”. Para uma leitura autônoma e competente, portanto, o leitor precisará desenvolver habilidades relacionadas à decodificação e à compreensão, no nível de apreensão das formas que compõem o texto e seu arranjo significativo, além de apurar as habilidades relacionadas à interpretação, no nível das inferências, que depende da associação das formas e de sua organização com dados extratextuais. Nesse caminho, Emediato

Para que a leitura se realize, será necessário o leitor não só conhecer o(s) código(s) que conforma(m) o texto, como também compreender o significado atribuído à sua forma e a seu arranjo.

(2007) problematiza as competências necessárias à leitura, categorizando-as em quatro grupos: *linguística* (semântica, sintática, lexical, socioletal); *enciclopédica* ou *referencial* (vinculada aos saberes de conhecimento); *axiológica* (ligada aos saberes de crença e às avaliações socialmente partilhadas) e *praxeológica* ou *situacional* (relacionada ao reconhecimento das circunstâncias nas quais a troca acontece e dos *scripts*). Embora Emediato (op. cit.) refira-se apenas à leitura do texto escrito, essas competências também dizem respeito à leitura multimodal, a que envolve signos verbais e não verbais, desde que considerada sua maior variabilidade semiótica. A esse respeito, torna-se relevante mencionar a “gramática do *design* visual” que, segundo Kress e Van Leeuwen (2006), permite organizar e interpretar arranjos de signos visuais a partir de convenções estabelecidas ao longo da história. Além disso, Barthes (1990) defende o *status* de signo para elementos visuais não só por seu caráter referencial, mas, sobretudo, pela sua capacidade de implicar sentidos com base na cultura e na axiologia que emerge das trocas sociais. Em outras palavras, é possível tratar de uma *leitura não verbal* como *interpretação de textos multimodais, imagéticos, sonoros* etc. ainda que a organização desses tipos sónicos não se baseie inteiramente em um sistema previamente estabelecido, como o linguístico, mas em sistemas mais fluidos e, às vezes, de constituição *on-line*, não prévia. Considerado esse aspecto, a noção de *letramento* (SOARES, 2006), inicialmente vinculada ao conjunto de práticas sociais de leitura (da palavra) e escrita que ultrapassa o mero domínio do sistema alfabético, estende-se agora para as práticas sociais de interpretação e produção de textos de variada semiose, inclusive daqueles de conformação verbo-visual, audiovisual, puramente imagético, entre outras. Quanto à *leitura literária* (tomada, muitas vezes, como sinônimo de *leitura*), caracteristicamente humanizadora, exige do leitor, somado às habilidades anteriormente mencionadas, o conhecimento específico acerca de autores e obras, além de maior aptidão para lidar com a linguagem plurissignificativa e poética, com a intertextualidade e com recursos próprios da narrativa ficcional.

Principalmente para a leitura literária, torna-se fundamental o desenvolvimento da *competência frutiva* do leitor (FERES, 2011), ligada à percepção dos sentidos “indizíveis”, suscitados pela textualização no intuito de afetar o leitor estética e emocionalmente. Para finalizar, repete-se a máxima de Ziraldo, “Ler é mais importante que estudar”, enfatizando, por um lado, o papel preponderante da escola no desenvolvimento da competência leitora dos cidadãos e, por outro, o caráter empoderador desse processo, que deve ter como objetivo precípuo dotar o indivíduo não só de capacidade interpretativa diante do mundo, mas, sobretudo e em decorrência disso, de autonomia crítica.

REFERÊNCIAS

- CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FERES, B. S. *Leitura, fruição e ensino: com os meninos de Ziraldo*. Niterói, RJ, EdUFF, 2011.
- KRESS, G.; LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. 2.ed. UK: Taylor & Francis e-Library, 2006.
- MARTINS, M. H. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- SILVA, E. T. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- SOARES, M. B. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- SOLÉ, I. *Estratégias de leitura*. 6.ed. Porto Alegre, RS: ArtMed, 1998.

SOBRE A AUTORA

BEATRIZ DOS SANTOS FERES é professora de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, também vinculada à disciplina Semiolinguística do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Seu principal tema de pesquisa é a leitura e suas estratégias. Orienta pesquisas de mestrado e de doutorado. Lidera o Grupo de Pesquisa Leitura, Fruição e Ensino.